

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

A Esperança como imperativo existencial e histórico

Moacir Gadotti (*)

A história recente do Brasil poderia ser narrada por intermédio de sucessivas lutas populares movidas pela esperança em dias melhores. Todavia, esse movimento histórico-social que tão freqüentemente ganha as ruas acaba quase sempre em grande frustração.

Na década de 60 os movimentos estudantis lutaram pelo acesso à universidade. Hoje os estudantes têm de voltar às ruas porque, legalmente, podem entrar na universidade, mas a pobreza os impede de ali continuar. Na década de 70 o país foi mobilizado na luta pelos direitos da cidadania (anistia, liberdade sindical e reorganização partidária), e logo frustrou-se pela crise econômica dos anos 80. Na década passada conseguimos eleger governadores diretamente e até um presidente, mas, a cada esperança, a cada conquista, vem se seguindo uma nova decepção. Mesmo assim, volta e meia o povo enche as praças, confirmando o dito popular: "brasileiro, profissão-esperança".

É nesse contexto de perplexidade e de crise de legitimidade do Estado no Brasil que Paulo Freire lançou o livro **Pedagogia da esperança**. Em suas páginas iniciais ele cita um professor amigo que o indaga, espantado: "Mas como, Paulo, uma pedagogia da esperança no bojo de uma tal sem-vergonhice como a que nos asfixia hoje, no Brasil?".

Esse não é apenas um outro livro de Paulo Freire, mas um novo livro de Paulo Freire, talvez o mais importante depois de **Pedagogia do oprimido**, escrito há 25 anos e que marcou a história das idéias pedagógicas deste século. Nesse novo livro Paulo Freire responde à indagação do seu amigo, professor universitário, afirmando que não entende a existência humana e necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. A



desesperança, diz ele, nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo. E conclui: "Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico".

O autor relata as tramas, os fatos, os debates, as discussões, os projetos, as experiências e os diálogos que teve sobretudo na primeira década de existência do seu livro **Pedagogia do oprimido**, tão atuais hoje quanto na época em que ocorreram. Ele lembra como superou, com humildade, certas ingenuidades, aceitando as críticas que ia recebendo.

Tenho lido muitos trabalhos de Paulo Freire. O que me encantou nesse livro foi principalmente o ritmo cadenciado de quem conta uma história toda, uma história vivida, sem interrupções, numa linguagem muitas vezes poética, às vezes raivosa, mas sempre amorosa. E sobretudo, honesta, como quando afirma que

Josué de Castro era "dono de uma vaidade tão frondosa quanto a de Gilberto Freyre, mas, como a deste, uma vaidade que não incomoda ninguém".

Pedagogia da esperança não tem títulos de capítulos. É uma narrativa. O leitor o lerá como uma história, contada por quem a viveu. Não notará que está passando de um capítulo para outro.

Percebe-se esse livro, mais que em outras obras, a importância que teve o contexto histórico de profundas mudanças por que passava nos anos 60 o Chile, país que o acolheu na primeira fase do exílio, período em que ele trabalhou na formação dos técnicos da implantação da reforma agrária. Enquanto estava no exílio, Paulo Freire gradualmente começou a compreender o significado do golpe militar de 1964, não como uma "quartelada" como se dizia na época, mas como uma nova forma de intervenção imperialista na América Latina. Nesse contexto de nova estratégia imperialista, ele escreveu a **Pedagogia do oprimido**. **Pedagogia da Esperança** relata como a **Pedagogia do oprimido** foi assumida pelo Terceiro Mundo como instrumento de luta contra essa nova política de intervenção cultural e econômica do Primeiro Mundo.

As notas da historiadora Ana Maria Freire, sua esposa, vêm

acompanhando todo o livro, destacando e esclarecendo algumas das mais importantes passagens, entre elas a da gestão democrática da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, durante o período em que Paulo Freire foi secretário (1989-1991).

A mim, particularmente, que venho estudando o fenômeno do multiculturalismo, a leitura desse livro demonstrou-me que a **Pedagogia do oprimido** lança as bases de uma educação multicultural como educação dos direitos humanos e para a cidadania. O êxito ou o fracasso escolar dependem, em grande parte, do equacionamento ou não da relação entre o itinerário educativo do aluno e a sua identidade cultural. O berço da **Pedagogia do oprimido** é essa cultura mestiça latino-americana marcada pela violência inicial da conquista e da colonização, que a educação dominante nunca levou a sério.

Hoje, sobretudo após as mudanças ocorridas no Leste Europeu, alguns neoliberais entoam loas ao fim da utopia, ostentados pelo desencanto com os modelos populares e socialistas. Esse pensamento não deixa de ser iníquo, na medida em que menospreza a luta de milhares de homens e mulheres que, animados pela esperança numa humanidade emancipada, durante séculos empenharam suas vidas fundadas na justiça.

Contra essa corrente neoliberal e anti-humanista, Paulo Freire retoma com vigor, nesse livro, a utopia e mostra a trajetória de um punhado de pessoas que não perderam a esperança na construção de uma sociedade com maior liberdade, justiça e equidade - não por pura teimosia, mas como um imperativo existencial e histórico do nosso tempo.

(*) **Moacir Gadotti** é professor na Universidade de São Paulo e diretor do Instituto Paulo Freire.

viera
URANTE

DOMINGO NO RIVIERA

Almoço: CHURRASCO

"...Eu não era progressista porque a leitura de alguns autores ou autoras me dizia que eu devia ser. Eu era progressista porque me sentia ofendido, como gente, pela perversidade de uma realidade injusta e negadora do que, cada vez mais, me parecia ser a vocação ontológica do ser humano: a de ser mais.

Eu não era progressista porque estivesse certo de que o futuro inexoravelmente traria o socialismo. Pelo contrário, eu era progressista porque, recusando uma compreensão mecanicista da história, estava certo de que o futuro teria de ser construído por nós, mulheres e homens, na luta pela transformação do presente malvado. Ou construído por nós, progressistas, pela transformação substantiva do presente, ou construído pelas forças reacionárias através de mudanças puramente adverbiais do presente..." (Pág 114)

Riv